



## **Sem Imagem, Sem Voz: O Telejornalismo Nos Tempos da Ditadura Militar<sup>1</sup>**

Florentina das Neves SOUZA<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina Pr.

### **RESUMO**

O presente artigo sintetiza a história do telejornalismo no período de repressão e censura durante os 20 anos de ditadura militar no Brasil. A proposta é organizar momentos dos telejornais e dos profissionais que faziam os programas jornalísticos na época mais difícil do regime militar. O trabalho recupera depoimentos inéditos sobre os programas, conteúdos e os problemas vividos nas redações de emissoras de televisão após o golpe militar. Como procedimento metodológico, utilizamos a pesquisa documental, bibliográfica, e entrevistas com jornalistas que vivenciaram aquele momento.

**PALAVRAS-CHAVE:** televisão; telejornalismo; ditadura militar; censura.

### **Introdução**

O jornalismo brasileiro viveu um dos piores momentos de sua trajetória durante o regime autoritário instalado há 45 anos, em 31 de março de 1964. Em 1968, com a assinatura do AI-5 que concedia ao Presidente da República inúmeros poderes, entre eles: fechar o Congresso, cassar direitos políticos e controlar a informação, censurando os veículos de comunicação, a liberdade de expressão foi tolhida e os jornalistas amordaçados, ameaçados e perseguidos.

A década de 70 começou com os mais duros anos do período militar. “Ame-o ou deixe-o” era a frase estampada em muros, pára-brisas de carros, camisetas. Quem não estivesse de acordo com os militares, que fosse embora. Não existia possibilidade de resistência, não havia mais qualquer chance de oposição legal ao regime. O governo de Emílio Garrastazu Médici, que se iniciava, era pautado pelas “linhas de arame farpado” que separavam os que estavam com o governo daqueles com quem o governo não queria estar. Se invertia a lei da física, a reação provocava a ação.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA/ USP – Docente e Pesquisadora da Universidade Estadual de Londrina



Impedidos de se manifestarem livremente, em passeatas pacíficas de protesto, os estudantes eram empurrados para a subversão (CARNEIRO, 1993, p.34).

O telejornalismo, que vinha de um momento de transição da linguagem herdada do rádio para aquisição de linguagem própria, foi impedido de evoluir. Estagnou-se a criatividade e a capacidade de reação: perseguições e vetos dos órgãos de segurança foram instaurados. Aumentava a intervenção e controle dos veículos de comunicação. Os programas eram totalmente censurados e algumas emissoras de televisão obrigadas a fechar as portas.

Dialogando, principalmente com os profissionais que vivenciaram o período mais duro da ditadura militar, este artigo recupera o curso do telejornalismo. As histórias, os bons momentos e as dificuldades que marcaram a vida e memória daqueles que estavam nas redações da televisão no período. Os testemunhos inéditos, reunidos aqui, fazem parte de uma coleta da pesquisa de campo desenvolvida em 1999 para a dissertação de mestrado da autora sobre a história dos 50 anos do telejornalismo no Brasil.

As histórias chamam atenção para os programas jornalísticos da televisão que resistiam a ditadura militar, denunciando a repressão, e para as reportagens, entrevistas e comentários que provocaram reações destruidoras por parte dos militares. Há um enfoque na censura direta nas redações e nos problemas vividos pelos profissionais da época, alguns perseguidos e mortos.

## **1. Telejornalismo da TV Excelsior: o primeiro censurado**

O regime militar trouxe não só a censura aos telejornais como determinou o fim de emissoras contrárias a ele, foi o que ocorreu com a *TV Excelsior*. A empresa de comunicação ficou marcada como uma estação “Janguista<sup>3</sup>” porque o dono do grupo, Mário Simonsen, por interesses pessoais, dava apoio às iniciativas do governo para as reformas pretendidas. Entre as emissoras da época, a *TV Excelsior* era a que apresentava maior liberdade e criatividade no telejornalismo. Lançou programas em São Paulo e no Rio de Janeiro como: o *Jornal da Cidade*, *A Marcha do Mundo*, *Show de Notícias* e o *Jornal de Vanguarda*.

O telejornal *A Marcha do Mundo* era, um dos telejornais de maior audiência do gênero da época. O programa era apresentado por Kalil Filho, ex-

---

<sup>3</sup> “janguista” vem de Jango, apelido do ex-presidente João Goulart, deposto com o golpe militar de 1964.



apresentador do *Repórter Esso* na TV Tupi. Kalil Filho havia ficado famoso com o noticiário e, era a própria imagem do *Repórter Esso*. O telejornal *Marcha do Mundo* herdava a audiência e a fama do programa da *Tupi* em função da identificação com o apresentador que era chamado de *Sr Repórter Esso*.

O telejornal saiu do ar no momento em que o patrocinador, a *Mercedes Benz do Brasil*, não quis ser cúmplice no conflito da *TV Excelsior* com o regime militar. Uma das últimas reportagens do programa *Marcha do Mundo* foi a do dia 19 de março de 1964 - o dia da “Marcha da família com Deus pela liberdade” - onde os cinegrafistas da emissora eram orientados, a filmarem muito mais, as jóias das mulheres e as senhoras bem vestidas do que o evento. “Houve um telefonema da *Mercedes* cortando o patrocínio e era uma demonstração de que realmente estava no fim de uma era”.<sup>4</sup>

Relembrado, sempre na história do telejornalismo, como o melhor dos anos 60, o *Jornal de Vanguarda* ganhou todos os prêmios do Brasil e prêmios internacionais da época. Recebeu em 1964 o prêmio *Ondas da Eurovisão*, na Espanha, como o melhor telejornal do mundo. O telejornal foi considerado revolucionário no formato, rompeu com a linguagem radiofônica e foi o primeiro apresentado efetivamente por jornalistas. A equipe também tinha desenhista, caricaturista, humorista e comentarista político. Até 1962, os noticiários de televisão eram apresentados por locutores e redigidos por um pequeno número de pessoas, gente que vinha do rádio, e visualmente, todos os telejornais eram parecidos: uma cortina de fundo, uma mesa e a cartela com o nome do patrocinador.

O *Jornal de Vanguarda* era totalmente irreverente para a época. Além de sátiras políticas com bonecos ainda havia comentários mordazes sobre a política brasileira antes do ‘boa noite’. O responsável pela editoria de política era o jornalista e humorista Sérgio Porto, conhecido no *Diário Carioca* pelo pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta. No entanto, nem tudo era alegria para os jornalistas no *Jornal de Vanguarda*. O momento em que o país atravessava, em 64, fez o humorista chorar no estúdio. Um dia após o golpe (1º de abril de 1964) o cinegrafista do telejornal filmou, em película, um estudante sendo morto e o apresentador não se conteve. Era o início de um momento difícil para os jornalistas brasileiros.

O menino estava na porta do clube militar gritando “Jango, Jango, Jango” e aí um homem de terno, bigodinho fino deu um tiro na cabeça

---

<sup>4</sup> LEMOS, João Batista. Em depoimento à autora. Brasília, novembro de 1999.



do menino, o matou ali na rua. Esse filme nós colocamos no ar. Coloquei no peito. Uma hora depois estava lá o homem que deu o tiro, era um major do exército, junto com o general e o diretor da televisão. Eles queriam o filme. Eu já tinha tirado uma cópia do filme e já mandado para a Europa, para a França.<sup>5</sup>

De fato, a censura não deixou mais o *Jornal de Vanguarda* prosseguir livremente. Com a perseguição à *TV Excelsior*, o programa foi obrigado a mudar de emissora. Passou pelas TVs *Tupi*, *Globo*, *Continental* e terminou na *TV Rio*. Em dezembro de 1968, no auge do AI-5, Fernando Barbosa Lima resolveu retirar o programa do ar, já que a censura o ameaçava, diariamente. O Banespa era o patrocinador do telejornal e Barbosa Lima teve que justificar com a diretoria do Banco a decisão da equipe. A última frase do jornal foi: “um cavalo de raça a gente mata com um tiro na cabeça”.

Depois do comício da Central do Brasil – no dia 13 de março de 1964 – em que o presidente João Goulart assinou decretos de desapropriações de áreas improdutivas e os telejornais veicularam imagens de cartazes que pediam legalidade ao partido comunista - aumentou a resistência ao governo e à *TV Excelsior*. Ao mesmo tempo, as outras emissoras, percebendo o que podia acontecer, afastavam-se, evitando reportagens que caracterizassem apoio ao Estado, o telejornalismo do grupo Simonsen começava a desaparecer por força do regime que se impunha .

No dia 31 de março de 1964, no momento do golpe, a direção da televisão colocou no ar um slide dizendo que a partir daquele momento a *TV Excelsior* estava submetida às ordens do Dentel. Lemos (1999) conta que ficou sozinho na emissora e teve que tirar equipamentos para evitar uma destruição, caso a *Excelsior* fosse invadida.

Terminado o jornal não tinha nada na TV. Expliquei a situação para o Simonsen Filho e retirei todas as lentes. As máquinas ficaram lá. As lentes foram guardadas com cada um dos cinegrafistas. Desde o dia 19 já havia tido um afastamento gradual do Edson Leite e do Alberto Saad (diretores) e eu, no dia 31 de março, estava sozinho, não tinha com quem confabular, com quem discutir.<sup>6</sup>

Os espaços de produção de notícias eram fechados, amordaçava-se os profissionais que eram obrigados a sair da profissão. Depois do fechamento da *TV Excelsior* João Batista Lemos foi preso e ao ser libertado foi obrigado a ficar fora da

---

<sup>5</sup> LIMA, Fernando Barbosa. Em depoimento à autora. Rio de Janeiro, novembro de 1999.

<sup>6</sup> LEMOS, João Batista. Em depoimento à autora. Brasília, novembro de 1999.



profissão e sem contatos com os profissionais, praticamente isolado e sem trabalho por cerca de três anos. Era a chamada “cassação branca”.

## 2. Novas TVs, novos telejornais: a mesma censura

Nesta época, o regime ditatorial não fazia “vistas grossas” ao telejornalismo, no entanto, descuidava de algumas emissoras e programas que, na concepção dos generais de plantão não representavam mais perigo. Foi o que aconteceu em 1967 com a *TV Tupi* que acabou dando o maior “furo” de reportagem da sua história. Ao seguir para a Bolívia para cobrir o julgamento de Régis Debray<sup>7</sup>, a equipe da *TV Tupi*, por falta de dinheiro, desembarcou em Santa Cruz de La Sierra, já que o voo era mais barato. Ali descobriu que Che Guevara estava em Valle Grande, uma cidade a 200 km de Santa Cruz. Seguindo o faro jornalístico, foi até o local, e encontrou já o helicóptero que trazia o corpo do guerrilheiro. Foi uma imagem única em todo o mundo, um furo internacional. Só a *TV Tupi*, junto com o jornal dos *Diários Associados*, conseguiu pegar a cena do corpo de Che Guevara, porque depois ele foi enterrado em lugar, até pouco tempo, desconhecido (FIGUEIREDO, 1998).

Com a censura, os telejornais se restringiam a exibir reportagens internacionais e institucionais. Na televisão, o Brasil era um país lindo, em paz e dinâmico. O próprio presidente na época, Emílio Garrastazu Médici, afirmava ver um país maravilhoso no *Jornal Nacional*. Era uma imagem falsa, como se não existisse crise social ou perseguição. A notícia só era divulgada se fosse liberada pela censura.

Para algumas emissoras não compensava driblar e desafiar a censura, pelo contrário, ser condescendente com o regime militar traria benefícios.

...o *Jornal Nacional* veio nesse bojo, nesse negócio da ditadura. Aquilo de você poder dar a notícia aqui e lá no Amazonas. O cara ouvir a notícia que o General Tal queria que saísse. Você vê que a Globo durante toda a ditadura nunca deu notícia sobre tortura, prisão de estudante, de operário ou de jornalista.<sup>8</sup>

O *Jornal Nacional* foi inaugurado em 1º de setembro de 1969. Criado, neste período, utilizando-se da nova tecnologia de distribuição de sinal em rede nacional: o sistema de microondas. O telejornal instituía a “cabeça” de rede e passava a controlar as notícias exibidas para todo o Brasil. A idéia da *Rede Globo* era um

---

<sup>7</sup> Filósofo e jornalista francês que participou da guerrilha na Bolívia com Che Guevara.

<sup>8</sup> LIMA, F. B. Em depoimento à autora. Rio de Janeiro, novembro de 1999.



programa diário, que entrasse ao vivo em vários estados, para estimular outras emissoras a se afiliarem à rede. O Programa proporcionou a integração do território nacional por meio da TV, aperfeiçoou tecnicamente o jornalismo diário, trouxe uma nova dimensão do repórter de rua, criou os núcleos regionais de telejornalismo, deu dimensão internacional com correspondentes próprios e formou os principais profissionais do setor (TÁVOLA, 1977, p.104).

Em 1972, a Rede Globo buscava outro formato de telejornal com o objetivo de evitar o atrito com o regime militar, criava o *Jornal Internacional*, que ia ao ar no fim de noite. Apresentado por Heron Domingues, ex-locutor do *Repórter Esso* e ex-apresentador da *Tupi*, o telejornal dava as notícias internacionais, provenientes de agências, além de amenidades. Foi um dos primeiros telejornais a usar, no período mais opressor da ditadura, o comentário. No entanto, só eram comentadas, pelo colunista famoso Ibrahim Sued, matérias sociais.

A política internacional, era o destaque do noticiário, e o assunto que agradava ao regime vigente no Brasil. Na noite do dia 09 de agosto de 1974, por exemplo, o telejornal foi o primeiro a noticiar a renúncia do ex-presidente Richard Nixon nos Estados Unidos, por causa do escândalo de Watergate. Foi também a última notícia de Heron, que morreu naquela noite. “Ele estava contente como um “foca” que acabasse de ver publicada no jornal sua primeira reportagem. Três horas depois, Alice-Maria me telefona: Heron Domingues acaba de morrer. Morreu do coração” (NOGUEIRA, 1988).

Em 15 de junho de 1969, foi inaugurada a *TV Cultura* de São Paulo. O interesse político prevalecia na grade de programação e por isso, no início, não havia noticiário, porém os jornalistas trabalhavam para ver implantado o telejornalismo. A ideia era fazer, de vez em quando, documentários, na área internacional. Porém, mesmo assim, a equipe criada para fazer os programas enfrentou problemas e não pôde dar continuidade ao projeto. O jornalismo foi retirado dos planos da *TV Cultura* porque, no segundo documentário, sobre Portugal, foi citado o nome do líder da oposição, Mário Soares, que acabou tornando-se presidente do país (SOUZA, 2000).

### **3 Silêncio Total no Telejornalismo**

No início da década de 1970, com o endurecimento do regime, uma parte que restava da oposição passava para a luta armada, no entanto, os grupos e líderes guerrilheiros eram destruídos - um a um. O veterano comunista Carlos Marighela era



morto em 1970 em uma armadilha da polícia de São Paulo e o ex - capitão Lamarca, assassinado em dezembro de 1971, na Bahia. “A guerrilha do Araguaia era massacrada e impedida de ser divulgada em 1972; quem pusesse a cabeça para fora era ameaçado, preso, sumiam com ele”.<sup>9</sup>

O telejornalismo, embora mais maduro e estruturado, era impedido pela censura, de mostrar ao Brasil os atos de autoritarismo do governo. Proibições tornavam-se ameaças, podendo levar à prisão os responsáveis e editores dos programas. Com os profissionais totalmente acuados só era possível fazer telejornalismo se as reportagens fossem favoráveis ao governo militar. Todas as notícias eram fiscalizadas e ninguém tinha liberdade para divulgar qualquer informação antes da autorização do militar que estivesse no comando da região, na qual estivesse instalada a emissora de TV, mesmo com a, já institucionalizada, autocensura.

A *TV Record* só conseguiu noticiar a morte de Carlos Marighela porque o jornalista Murilo Antunes Alves estava acompanhado do general do exército. O repórter cobria uma solenidade do governo quando soube que o guerrilheiro havia sido morto em uma emboscada. O telejornal divulgou a matéria, porém apenas com a versão dos militares, como sempre acontecia<sup>10</sup>.

No caso da morte de Lamarca, a *TV Tupi* também não conseguiu dar a informação sem antes consultar um general do exército. A reportagem mostraria imagens arquivadas da época em que o guerrilheiro era capitão do Segundo Exército e treinava funcionários de um banco para usar armas:

...nós tínhamos gravado uma sonora onde o capitão dizia “1, 2, 3, fogo!” Daí uma semana o Lamarca caiu na clandestinidade com um grupo de soldados e um caminhão de armamento e começou a matar. Quando foi morto pelas forças armadas lá na Bahia nós recebemos a notícia. Eu lembrava do filme que tínhamos feito, eu liguei para pedir ao General, senão ele tirava a estação do ar. Ele me proibiu.<sup>11</sup>

Nesta época o jornalista ou proprietário de emissora que insistisse em não consultar ou não respeitar uma determinação da censura acabava demitido, preso e a emissora era tirada do ar temporariamente ou definitivamente. O repórter saía para fazer uma determinada reportagem e quando chegava na emissora, aquele assunto já estava proibido. As redações normalmente exibiam um mural com as proibições. Diariamente,

---

<sup>9</sup> NOGUEIRA, Rose. Em depoimento à autora. São Paulo, setembro de 1999.

<sup>10</sup> ALVES, Murilo Antunes. Em depoimento à autora. São Paulo, setembro de 1999.

<sup>11</sup> SAMPAIO, Walter. Em depoimento à autora. Santos, setembro de 1999.



ligavam da Polícia Federal dando a lista dos assuntos censurados. Muitas vezes, os profissionais da redação só ficavam sabendo que tinha acontecido o fato depois da proibição (SOUZA, 2000).

Em 1971, embora os profissionais vivessem momentos duros de repressão e censura a *TV Cultura* colocava no ar o primeiro noticiário da emissora pública e os profissionais buscavam alternativas para driblarem as proibições. O programa *Foco na Notícia* foi um exemplo. Lançado como programa semanal que resumia os principais acontecimentos da semana, logo passou a ser diário com notícias e discussão. Em 1972, o programa, dirigido por Fernando Pacheco Jordão passou a se chamar *A Hora da Notícia* e apresentava também reportagens especiais de denúncia. Chegava-se a produzir material bem elaborado, com filmes de até 10 minutos – uma raridade no telejornalismo – acostumado com reportagens de um minuto e meio

...comecei a filmar os menores abandonados, tema inédito na TV brasileira, menor delinqüente, miséria. Até ganhei o apelido de ‘repórter periferia’, já que todos queriam entrevistar o governador, o dirigente da FIESP, o presidente etc. Essas pessoas não eram assunto, não faziam parte. Com o novo estilo de reportagem, o telejornal começava com índice zero e acabava alcançando até 5 pontos (ANDRADE, 1997, p.107).

O programa, embora a época fosse de censura e a *TV Cultura*, do Estado, o telejornal se caracterizava pela inexistência da autocensura. Os produtores se limitavam a obedecer a regra da censura e muita informação acabava passando pelas “brechas”. “Não pode falar no D. Helder, não pode falar a palavra crise e não pode dar o assalto tal e o resto podia, de repente entrava uma notícia que balançava muito mais do que aquilo que eles tinham censurado, exatamente porque a censura era burra”.<sup>12</sup>

Como o telejornal era o único que mostrava a realidade brasileira passou a incomodar, até que a *TV Cultura* foi interdita. Em março de 1974, toda a equipe que fazia o telejornal *A Hora da Notícia* foi desmanchada. Fernando Pacheco foi demitido e, no ano seguinte, o jornalista Wladimir Herzog foi morto nas dependências dos órgãos de repressão do governo militar. “As demissões aconteciam por pressão dos militares ao governo estadual ou à própria direção da *TV Cultura*”.<sup>13</sup>

Herzog tinha sido preso com um grupo considerado comunista, e, em todo grupo, um deveria morrer, além disso, era da *TV Cultura* e sabia que estava sendo

---

<sup>12</sup> NOGUEIRA, Rose. Em depoimento à autora. São Paulo, setembro de 1999.

<sup>13</sup> JORDÃO, Fernando Pacheco em depoimento à autora. São Paulo, outubro de 1999.



visado. Ele, como vários jornalistas também recebeu o “convite” para se apresentar no quartel, e se apresentou no dia em que foi convocado. Os jornais e TVs foram obrigados a divulgar a notícia de acordo com a nota da assessoria do DOI – CODI – Departamento de Operações e Informações – Centro de Operações e Defesa Interna: “Comunista se enforca na prisão” (RIBEIRO, 1998, p.135).

### **3.5 Tentativa de Reação dos Telejornais**

Em 1974, com a mídia e a sociedade amordaçadas – vítimas do AI-5 – só alguns jornalistas mais ousados arriscavam uma ou outra reportagem diferente, mesmo que esta pudesse levá-los à prisão. A população também tinha muito medo e por isso, nunca emitia opinião. Nessa época, a *TV Cultura* até tentou ouvir o povo na rua sobre a indicação para a Presidência da República do General Ernesto Geisel pelo presidente Médici, porém, acabou registrando só o temor no olhar e na voz das pessoas.

Com a entrada do quarto presidente do Regime Militar o sistema político voltava a respirar e buscar fôlego. O presidente Geisel já pensava em promover a “abertura”, pois a oposição aos militares havia crescido muito. O movimento estudantil voltava às ruas, promovendo assembleias e passeatas, enquanto alguns sindicatos se reorganizavam e ganhavam força. Os sindicatos do ABC paulista promoveram, nesta época, uma greve que se estendeu a outras cidades do estado de São Paulo. Era a primeira vez, desde 68, que ocorria uma greve de tal proporção.

No entanto, continuava forte a censura à informação. As forças conservadoras mostravam que não pretendiam abrir mão de mudanças radicais. O DOI – CODI continuava com as torturas e centralizava serviços de repressão política social. Menos de três meses depois da morte de Herzog, morria, no mesmo local, o operário Manuel Fiel Filho.

O *Globo Repórter*, programa semanal de reportagens, havia estreado em março de 1973. Um grupo de produtores do programa, em São Paulo, trazia para a televisão uma nova proposta para driblar a censura: reportagens de denúncias utilizando-se da linguagem do cinema, da ficção. Nesta fase, o jornalista Georges Bourdoukan produziu documentários sobre a poluição dos rios, por produtos químicos, e alertava as pessoas para não comerem peixes de rios em cujo leito se depositava o mercúrio. Fazia também reportagens sobre as más condições dos trabalhadores,



principalmente os que trabalhavam na produção de borracha e carvão (BOURDOKAN, 1997).

Em 1978, João Batista de Andrade fez um documentário sobre um bandido mirim chamado Wilsinho Galiléia que, quando fez 18 anos, foi morto pela polícia. Era um longa metragem, que acabou sendo dividido para passar em dois programas do *Globo Repórter*. Mas a Rede Globo não conseguiu liberar o filme que estava proibido pela censura. Jordão revelou que os programas produzidos naquela época misturavam ficção e reconstituição. O filme sobre o Wilsinho Galiléia era um documentário forte politicamente e foi o primeiro a utilizar-se do chamado *Talk drama*. Além desta, muitas outras reportagens não foram para o ar. No ano seguinte, por exemplo, a equipe preparou um documentário sobre a greve dos metalúrgicos no ABC. O programa nunca foi para o ar, só que dessa vez o veto foi do próprio Roberto Marinho, evidenciando que a censura trocava de mãos<sup>14</sup>

Com a Lei da Anistia, em 1979, suspendendo as penalidades impostas aos opositores do regime militar, foram libertados os últimos presos políticos e os exilados puderam voltar ao Brasil. Nessa época, organizavam-se os novos partidos, como o PMDB e o PT.

...o projeto de abertura do governo era considerado muito lento pelos movimentos sociais e pelos partidos que lutaram pela redemocratização. Por outro lado, era temido pelas forças conservadoras que se identificavam com o governo e estavam comprometidos com a continuidade do regime militar (FERREIRA 1995, p.408).

Com o abrandamento da censura militar os programas jornalísticos da TV voltavam na tentativa de formação de uma consciência coletiva nacional. Os telejornais deixavam de ser somente informativos e passaram a discutir idéias e opiniões. Importantes programas de entrevistas ou debates surgiram ao longo da década; outros, censurados nas décadas passadas, voltaram expressando temas que traduziam o pensamento intelectual brasileiro. O programa *Abertura* – com uma hora e meia de entrevistas e reportagens sobre os principais acontecimentos da semana – estreou no dia 4 de fevereiro de 1979, na *TV Tupi*, às dez e meia da noite. Era produzido por jornalistas no Rio e dirigido por Fernando Barbosa Lima.

Fernando Barbosa Lima levou para o *Abertura* especialistas como: João Saldanha, Newton Carlos, Villas Boas e Glauber Rocha, além de Tarcísio Holanda:

---

<sup>14</sup> JORDÃO, Fernando Pacheco. Em entrevista à autora. São Paulo, outubro de 1999.



*... era um programa de quadro, cada um fazia seu quadro. Eu dava ampla liberdade, eu dizia o quadro é seu, você fala o que quiser, e a não censura tem que começar desde o programa. Para o Glauber Rocha eu dizia: você faz o que você quiser, eu te dou a câmera e você vai dirigir inclusive o seu quadro, agora tem uma coisa, eu só vou editar porque eu sei que você vai fazer muita loucura. Eu só vou editar para colocar a coisa na ordem para o público entender, o Glauber topou, trabalhamos juntos dois anos sem nunca ter tido um problema.<sup>15</sup>*

O diretor do *Abertura* entrevistou estudantes, jornalistas, escritores e muitos operários. Mas, nem sempre as entrevistas eram no estúdio. Certa vez, o jornalista Tarcísio Holanda entrevistou o ministro Jarbas Passarinho, que naquele tempo era ministro da ditadura, em um carro conversível, passeando e mostrando a paisagem de Brasília. O jornalista Roberto D'Ávila era o correspondente internacional do programa. Em uma edição especial, entrevistou os filhos dos exilados que não conheciam o Brasil. No entanto, como o momento não era tão aberto como se imaginava, o programa *Abertura* teve problemas com o patrocínio do governo e não teve como sobreviver.

A primeira metade da década de oitenta ainda estava sob o regime militar. A crise econômica crescia significando desemprego e queda de poder aquisitivo comprometido pela inflação. O presidente Figueiredo dava prosseguimento à política de abertura e deixava claro que pretendia voltar à democracia, só que ainda sob o controle do Executivo. Foi neste contexto que cassou a primeira emissora de televisão no Brasil. O texto, sobre a cassação da concessão da *TV Tupi* e o encerramento das atividades, fez parte do script do último telejornal elaborado por Rubens Furtado no dia 18 de julho de 1980.

Na realidade, quando cassaram, era para dar para a editora *Abril* e para o *Jornal do Brasil*. Abriam a concorrência e aí entraram vários concorrentes e aconteceu muita coisa. A revista *Veja* publicou uma matéria muito desagradável sobre o Figueiredo, dizendo que ele gostava mais de cavalos do que de gente e teve uma repercussão muito grande e aí tiraram da *Abril*.<sup>16</sup>

A trajetória de liberdade ainda iniciante demorou a resgatar a completa autonomia dos programas jornalísticos de televisão. Mesmo após a já declarada “abertura” muitos telejornais, considerados subversivos, foram impedidos de

---

<sup>15</sup> LIMA, Fernando Barbosa. Em entrevista à autora. Rio de Janeiro, novembro de 1999.

<sup>16</sup> FURTADO, Rubens. Em depoimento à autora. Novembro de 1999.



continuar. A TV. comercial, dependente do patrocínio, não conseguia retomar a confiança de empresas e conseguir apoio para colocar seus telejornais no ar. Jornais e publicações ainda eram recolhidos e as bancas sofriam atentados. Em 30 de abril de 1981, a explosão da bomba no Riocentro era a prova de que a abertura ainda enfrentava resistência no seio do governo e a total liberdade de expressão tinha muito que percorrer.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, João Batista in SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo Memória 1** ECA/USP. São Paulo, 1997.

BOURDOKAN, George in SQUIRRA, Sebastião. **Telejornalismo Memória 1** ECA/USP. São Paulo, 1997.

CARNEIRO, Maria Cecília Ribas; Silva, Hélio. **Os Presidentes**. São Paulo : Comunicação Três, 1983.

FERREIRA, Olavo Leonel. **História do Brasil**. São Paulo : Ática, 1995.

FIGUEIREDO, Armando in RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997: História da Imprensa em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

NOGUEIRA, Armando. A última notícia de Heron. **Revista Imprensa**, São Paulo, p.16, julho 1988

RIBEIRO, José Hamilton. **Jornalistas: 1937 a 1997**, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

SOUZA, Florentina N. **Alguns Momentos dos 50 anos do Telejornalismo no Brasil**: São Paulo, USP, 2000.

TÁVOLA, Artur da. **Os Cinco Marcos na História do Telejornalismo no Brasil**. **O Globo**, 30 ago. país, p.4. 1977.